

PETRÓLEO

Júlia Febraro/Fernanda Delgado

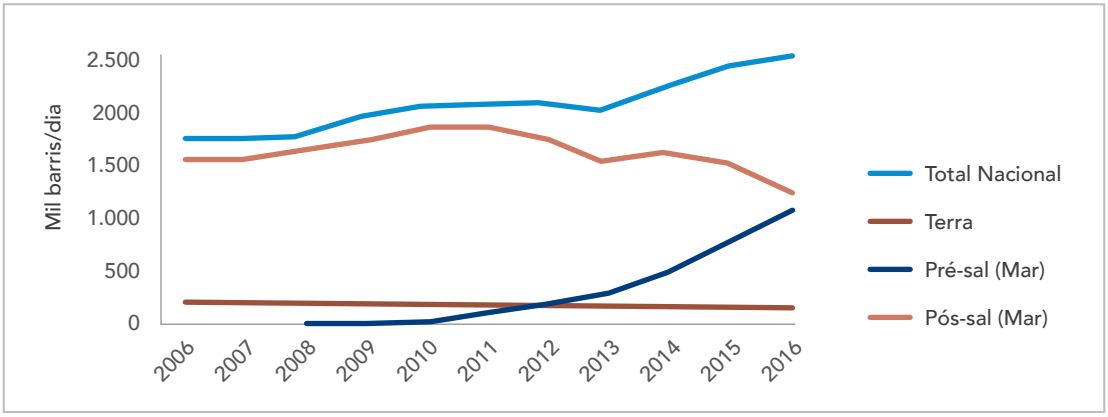
A) *PETRÓLEO*

a) Produção, Consumo e Saldo Comercial da Balança Petróleo

O mês de maio de 2017 apresentou produção diária de 2,65 milhões de barris (MMbbl/d), o que representou um aumento de quase 8% com relação à produção de abril. Na comparação anual também houve aumento da produção neste mês de maio, 6,7% acima da produção de 2016 para esse mês, que havia sido de 2,48 MMbbl/d. (Tabela 2.1).

Segundo dados da ANP, 95,2% de todo o óleo extraído nos campos nacionais e 84% do gás natural foram produzidos em campos marítimos. O esforço exploratório brasileiro está concentrado em 8.306 poços, sendo 748 marítimos e 7.558 terrestres, e os campos operados pela Petrobras produziram 94,2% do total de óleo e gás natural. (Figura 2.1).

Figura 2.1: Evolução da produção de petróleo no Brasil por ambiente exploratório



Fonte: IBP, 2017.

Com relação ao pré-sal, sua produção em maio foi oriunda de 75 poços e totalizou 1,26 MMbbl/d de óleo e 49 MMm³/d de gás natural, totalizando 1,57 MMboe/d (milhões de barris de óleo equivalente). Esta produção correspondeu a 47,5% do total produzido no país. O campo de Estreito, na Bacia Potiguar, segue com o maior número de poços produtores: 1.112. Apesar deste boletim tratar sobre dados do mês de maio, já adiantamos que em junho a produção do pré-sal bateu recorde e atingiu 1,35 MMbbl/d. O resultado se deve principalmente ao retorno da produção da plataforma P-43 localizada nos campos de Barracuda e Caratinga, e do FPSo Cidade de Mangaratiba no campo de Lula. Ambos retornaram após parada programada.

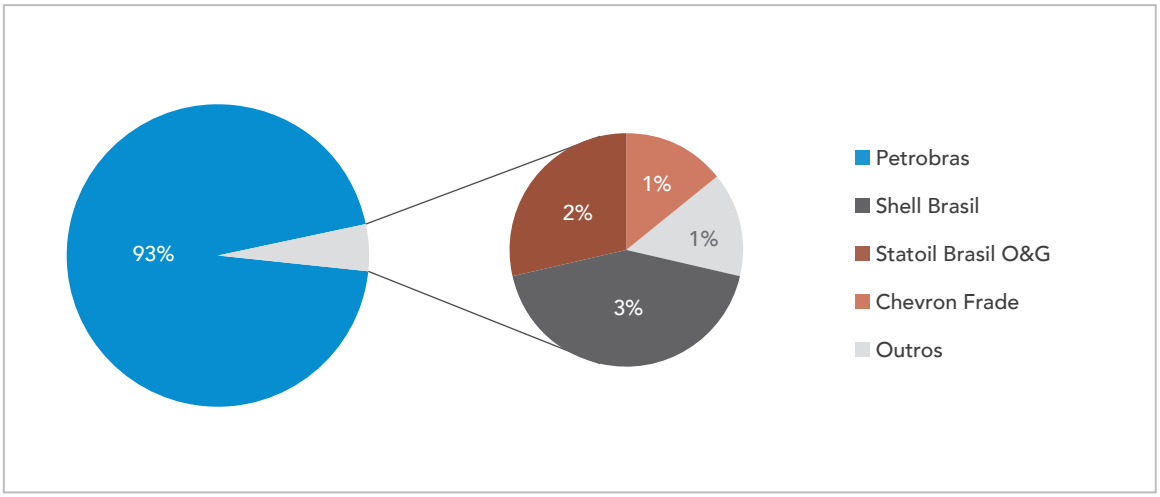
Em relação às empresas presentes no setor no Brasil, a participação delas na produção permaneceu a mesma do mês de abril. Petrobras permanece com 93% da produção, seguida pela Shell, que responde por 3%. A Figura 2.2 mostra as concessionárias que participaram da produção no Brasil no mês de maio (2017).

Tabela 2.1: Contas Agregadas do Petróleo (Barril).

Agregado	mai-17	mai-17/abr-17	mai-17/mai-16	Tendência 12 meses	abr-17	mai-16
Produção	82.251.505	7,99%	6,68%		76.169.147	77.100.536
Consumo Interno	51.666.950	0,16%	-5,23%		51.584.841	54.516.338
Importação	5.337.327	41,43%	-14,04%		3.773.730	6.209.233
Exportação	24.709.769	11,56%	50,29%		22.149.174	16.441.917

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

Figura 2.2: Distribuição da produção de Petróleo por Operador



Fonte: ANP, 2017

De acordo com a edição 2017 do BP "Statistical Review of World Energy", o Brasil superou a produção da Venezuela e do México em 2016, com média diária de 2,6 MMbbl/d no ano passado, superior às médias de 2,41 MMbbl/d e 2,45 MMbbl/d produzidos na Venezuela e no México, respectivamente. Esse novo cenário se deve tanto pelo aumento da produção brasileira quanto queda da produção mexicana e venezuelana.

Essa tendência deve ser reforçada ao longo deste ano de 2017 e o Brasil permanecerá no topo do ranking de produtores de petróleo da América Latina. Segundo

a ANP, em abril o Brasil produziu uma média de 2,5 MMbbl/d e, como mostrado na Tabela 2.1, em maio essa produção alcançou 2,65 MMbbl/d. Para efeito de comparação, a produção na Venezuela caiu para 2,19 MMbbl/d, segundo dados da OPEP, enquanto que a do México ficou em 2,012 milhões de barris diários, de acordo com a Pemex.

Se por um lado México e Venezuela sofrem com a falta de investimentos em exploração, e isso tem explicado as quedas na produção destes países, no Brasil o cenário tem se mostrado mais otimista. No último dia 6 de julho, o governo publicou no Diário Oficial da União a resolução que estabelece a política de exploração e produção de petróleo e gás natural, definindo as diretrizes e orientações para o planejamento e a realização das rodadas de licitação. O calendário e as novas regras aprovadas pelo CNPE para as rodadas foram detalhados na edição de junho deste Boletim de Conjuntura.

De acordo com reportagem da Brasil Energia (2017), dentre os principais objetivos dessa nova política está o aumento do fator de recuperação dos projetos de E&P, a intensificação da atividade exploratória para identificar o potencial petrolífero brasileiro e a busca para dar maior previsibilidade aos investidores com as bases para um calendário quinquenal de leilões.

A publicação da nova política de E&P é mais um sinal dos esforços que vêm sendo feitos pelo governo para ampliar a atratividade do setor, retomando o ciclo de investimentos e dar maior previsibilidade e segurança nos próximos anos.

Adicionalmente, de acordo com Valor Econômico (2017), já no próximo leilão, em setembro, 60% dos 287 blocos ofertados terão alíquotas de royalties diferenciadas para estimular investimentos em novas fronteiras exploratórias e bacias maduras de maior risco. Para essas últimas, a alíquota mínima estabelecida foi de 5%. A alíquota intermediária foi fixada em 7,5%. Para os campos mais rentáveis, que vierem a pagar participação especial, a ANP definiu que o royalty será de 10%. Para o diretor geral da ANP, Décio Oddone, a diferenciação dos royalties está incluída nas iniciativas para aumentar a competitividade da rodada, tendo em vista a concorrência com leilões promovidos por outros países.

Ainda com relação aos leilões, a renovação do Repetro (regime aduaneiro que facilita a importação e exportação de bens para a indústria de petróleo), que tinha vencimento previsto para 2019, acontecerá antes da realização da 14ª rodada da ANP, agendada para 27 de setembro. A importância dessa renovação é a sinalização aos investidores internacionais que as ações para garantir mais certeza e previsibilidade para as concessões não acabaram apesar da crise política que o país enfrenta. Os investimentos diretos dessas áreas podem atingir US$ 83 bilhões (ANP 2017). O governo brasileiro também concedeu algumas outras vantagens para os investidores estrangeiros, como reduzir a necessidade de usar equipamentos e serviços locais para explorar áreas petrolíferas e acabar com a exclusividade da Petrobras para operar campos petrolíferos na camada de pré-sal.

Ainda sobre royalties, foi publicado no DOU no dia 06 de julho, resolução do CNPE que estabelece que a ANP, no cumprimento de suas atribuições para a implementação da Política de Exploração e Produção de Petróleo e Gás Natural, deverá conceder, no âmbito das prorrogações dos prazos de vigência dos contratos existentes, uma redução de royalties, para até 5%, sobre a produção incremental gerada pelo novo plano de investimentos a ser executado, de modo a viabilizar a extensão da vida útil, maximizando o fator de recuperação dos campos. Novamente, sobrepesa a intenção de garantir a atração de investimentos, contando com a extensão da vida útil dos campos.

Segundo analistas estrangeiros, o aumento da produção e a alta produtividade dos campos do pré-sal ajudarão o governo a atrair investimentos das grandes operadoras internacionais nos próximos leilões de petróleo. Segundo a EnergyWay (2017), a ExxonMobil, a Petronas e a Rosneft e a Gazprom da Rússia deverão "vir com tudo".

Figura 2.3: Planejamento das rodadas de licitações

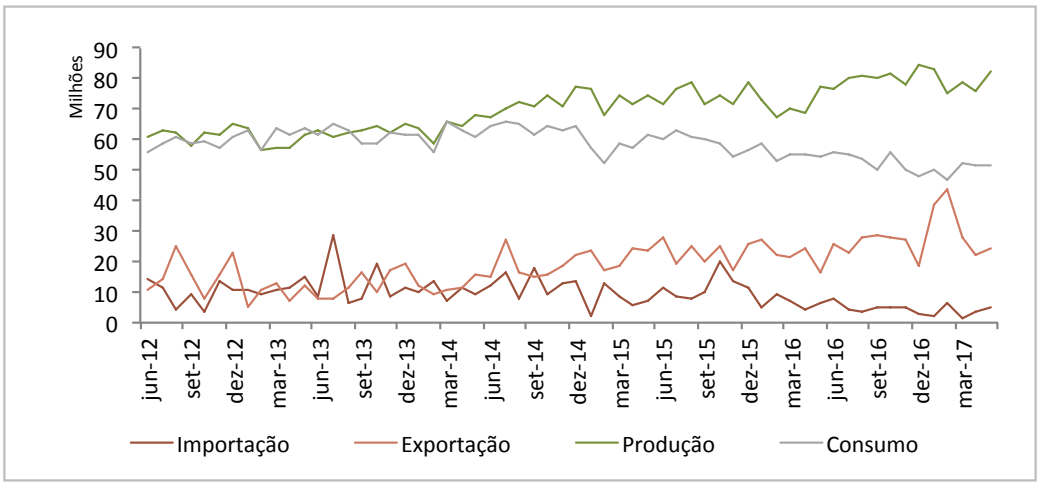
2017	2018	2019
Rodadas de Concesão		
4ª Rodada de Campos Marginais: Maio 14ª Rodada de Concessões: Setembro	15ª Rodada de Concessões	16ª Rodada de Concessões
Rodadas de Partilha de Produção		
2ª Rodada: Setembro 3ª Rodada: Novembro	4ª Rodada	5ª Rodada

Fonte: EnergyWay (2017)

Sobre a balança comercial do setor petrolífero, as importações seguiram a trajetória de abril e continuaram a subir no mês de maio. Houve aumento de quase 42% na comparação mensal e as importações chegaram a 5,7 MMbbl. Por outro lado, na comparação anual, houve queda de 14%. Com relação às exportações, tanto na comparação mensal quanto na anual, o mês de maio apresentou aumento de 11,56% e 50,29%, respectivamente, interrompendo a trajetória de queda que vinha desde fevereiro.

Já adiantamos que, em junho, a tendência de crescimento das exportações continua e cresce 75% com relação aos números de maio. Esse valor também é 67% superior ao exportado em junho de 2016. Com esse aumento as exportações já se aproximam do recorde histórico, que foi registrado em fevereiro deste ano. De acordo com José Mauro Coelho, diretor da EPE, diante das expectativas de elevação da demanda de combustíveis nos próximos anos, o Brasil poderá se consolidar como exportador líquido de petróleo. Na opinião da empresa, o sucesso exploratório e a alta produtividade da área do pré-sal podem determinar o crescimento da produção nos próximos anos.

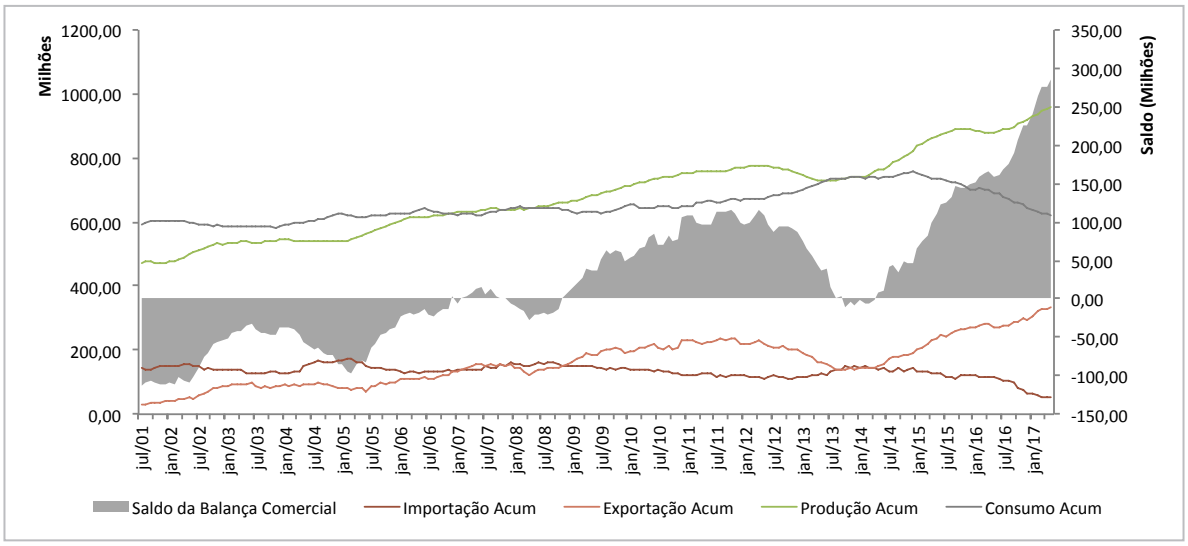
Figura 2.4: Contas Agregadas do Petróleo (Barril)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

No acumulado de 12 meses, a diferença entre Produção e Consumo manteve o padrão do mês anterior e continuou a crescer, positivamente, já pelo 13º mês consecutivo. Já a conta petróleo, que representa o saldo entre Exportações e Importações, reverte a tendência de queda no acumulado 12 meses, contribuindo positivamente para o saldo em transações da balança comercial em maio. (Figura 2.5).

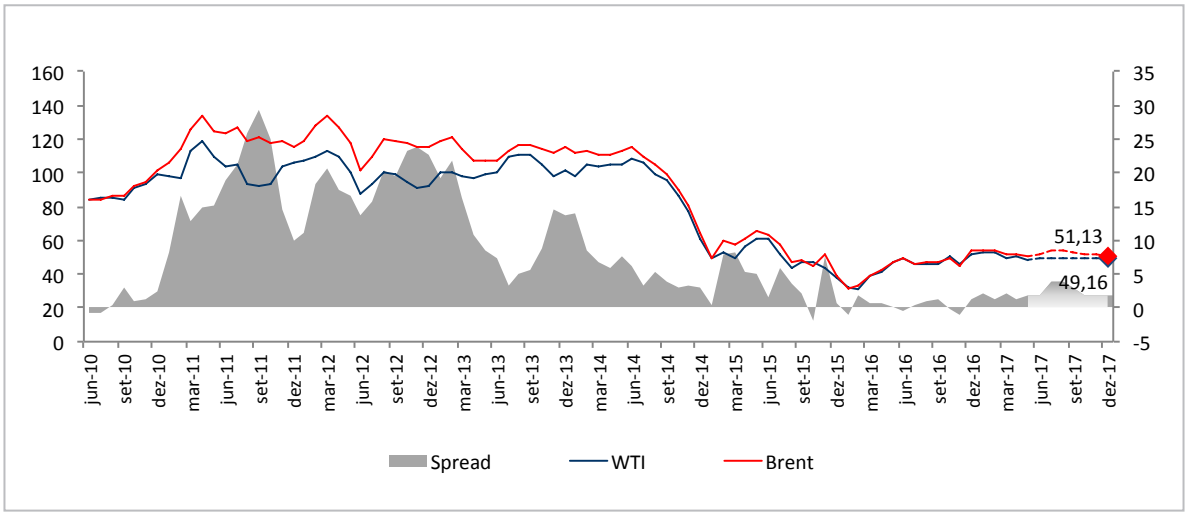
Figura 2.5: Contas Agregadas do Setor Petróleo, acumulado 12 meses (Barril)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

Segundo o *Energy Information Administration* - EIA (Gráfico 2.5), a média de preços do óleo tipo Brent caiu quase US$ 2/bbl em relação à média de abril, chegando a US$ 50,3/bbl. Após aumento do mês anterior, em maio a média do Brent voltou a cair. O WTI também segue em maio uma trajetória descendente, com redução de quase US$ 3/bbl, após aumento em abril. Executivos reunidos no Congresso Mundial do Petróleo, na Turquia, em Istambul fizeram previsões pouco animadoras: a visão geral é que os preços do petróleo permanecerão baixos pelo menos até 2020. Mesmo com a Opep reduzindo sua produção, analistas estão reduzindo suas projeções de preços para os próximos anos (Brasil Energia, 2017).

Figura 2.6: Preço Real e Projeção ($/Barril).



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da EIA (Deflator - CPI US)

Neste mês de maio de 2017, após as fortes quedas de abril, a produção da maioria dos estados brasileiros voltou a crescer. A exceção foram os estados do Amazonas e a produção offshore do Rio Grande do Norte. O destaque foi o estado do Maranhão, com crescimento de mais de 700% em maio. (Tabela 2.2)

Tabela 2.2: Produção por Estado (Barril).

UF	Localização	mai-17	mai-17/abr-17	mai-17/mai-16	Tendência 12 meses	abr-17	mai-16
AL	Onshore	105.211	15,06%	-29,75%		91.441	149.757
	Offshore	5.633	25,70%	33,70%		4.481	4.213
AM	Onshore	620.580	-0,06%	-19,24%		620.953	768.412
BA	Onshore	981.587	2,43%	-10,63%		958.290	1.098.309
	Offshore	19.838	34,18%	-28,79%		14.785	27.857
CE	Onshore	37.361	2,33%	-29,20%		36.509	52.767
	Offshore	130.474	6,46%	-20,47%		122.561	164.056
ES	Onshore	308.918	4,64%	-23,76%		295.233	405.206
	Offshore	12.286.814	8,77%	0,50%		11.296.384	12.225.538
MA	Onshore	84	702,31%	-90,87%		10	919
RJ	Offshore	55.151.351	8,86%	8,08%		50.661.549	51.026.327
RN	Onshore	1.339.620	3,49%	-16,17%		1.294.395	1.598.001
	Offshore	145.153	-14,06%	-25,35%		168.901	194.453
SP	Offshore	10.358.637	4,33%	22,62%		9.928.917	8.447.897
SE	Onshore	592.979	14,64%	-15,60%		517.256	702.590
	Offshore	167.266	6,21%	-28,59%		157.481	234.235
Total		82.251.505	7,99%	6,68%		76.169.147	77.100.536

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

B) *DERIVADOS DO PETRÓLEO*

Em maio, dentre os principais derivados de petróleo, gasolina e querosene de aviação (QAV) apresentaram quedas na produção com relação a abril. Os volumes de gasolina e QAV produzidos foram 8,53% e 9,12% inferiores, respectivamente. Os demais, diesel, GLP e óleo combustível, tiveram variações positivas na produção deste mês.

O destaque deste mês foram as importações de diesel. De acordo com Reuters (2017), as importações deste derivado registraram recorde histórico no acumulado do ano até maio. Nos primeiros cinco meses do ano, as importações de diesel cresceram 60% com relação ao mesmo período do ano anterior, atingindo o nível histórico de 4,44 bilhões de litros, segundo dados da ANP. Esse recorde foi atingido mesmo em um período em que as vendas no mercado interno estão em baixa, indicando queda de participação de mercado da Petrobras. Ainda de acordo com Reuters (2017), com a queda nos preços no mercado internacional e valores mais altos praticados pela estatal, outras empresas aproveitaram a oportunidade para elevar suas importações de combustíveis.

Apesar do otimismo com relação ao aumento da produção de petróleo para os próximos anos, como destacado no final da seção anterior, ele não será acompanhado por crescimento do refino de derivados. Segundo a EPE (2017), não se vê muitas mudanças em um horizonte de 10 anos para o setor de refino do país caso os investimentos no parque nacional não venham a se materializar.

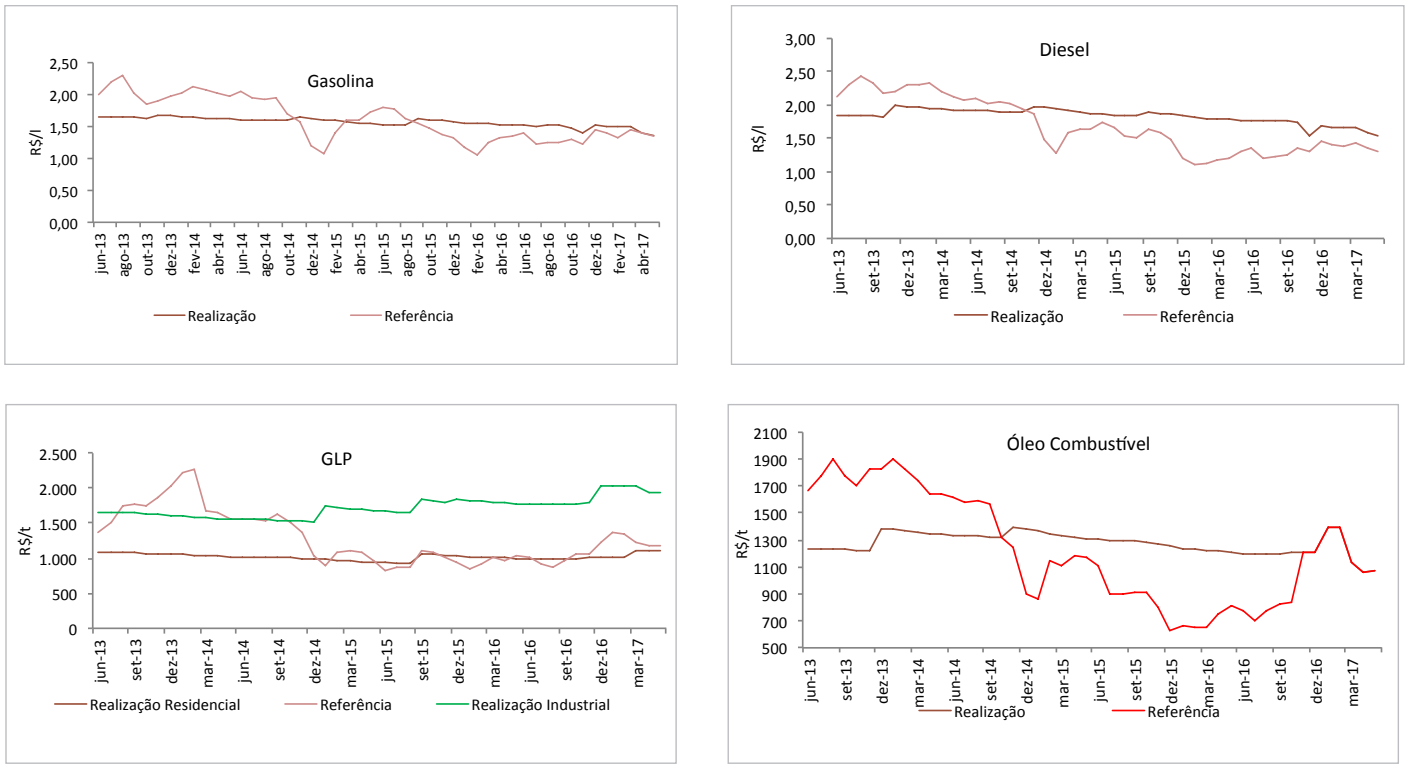
Tabela 2.3: Contas Agregadas de derivados (Barril)

Combustível	Agregado	mai-17	mai-17/abr-17	mai-17/mai-16	Tendência 12 meses	abr-17	mai-16
Gasolina	Produção	13.097.970	-8,53%	-5,87%		14.319.983	13.914.069
	Consumo	23.797.799	3,68%	51,17%		22.954.037	15.742.491
	Importação	1.785.019	-31,74%	22,82%		2.615.043	1.453.308
	Exportação	42.052	-43,19%	-		74.023	468.351
Diesel	Produção	22.030.027	0,87%	-10,10%		21.840.794	24.506.386
	Consumo	29.020.214	11,29%	10,26%		26.076.917	26.320.021
	Importação	5.053.625	0,10%	20,76%		5.048.440	4.184.942
	Exportação	310.456	-	-		0	657.489
GLP	Produção	3.693.521	1,66%	-6,76%		3.633.384	3.961.481
	Consumo	7.390.996	13,82%	2,74%		6.493.839	7.193.689
	Importação	951.185	49,30%	-64,92%		637.086	2.711.769
QAV	Produção	2.838.535	-9,12%	16,57%		3.123.545	2.435.105
	Consumo	3.375.869	4,12%	-2,25%		3.242.356	3.453.462
	Importação	318.781	-	-		0	1.925.174
	Exportação	0	-	-		27.680	82.004
Óleo Combustível	Produção	6.581.243	0,55%	25,27%		6.545.172	5.253.770
	Consumo	1.329.253	-8,29%	-15,27%		1.449.333	1.568.872
	Importação	26	-	-99,55%		75	5.874
	Exportação	2.494.175	7,03%	27,91%		2.330.294	1.949.941

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

Em maio de 2017, os preços de realização interna continuaram superiores aos de referência internacional para o caso do diesel. Para a gasolina, a diferença entre os preços está cada vez menor, após duas quedas consecutivas dos preços domésticos em abril e maio. No caso do GLP, os preços de referência estão superiores aos de realização internacional. Após forte queda no valor dos preços de referência em abril, reduzindo a diferença, esta voltou a subir em maio. Apesar disso, os preços do GLP estão muito mais próximos do que aqueles observados no final de 2016 e nos três primeiros meses de 2017. Com relação ao óleo combustível, os preços internacionais e domésticos estão andando juntos desde novembro do ano passado.

Figura 2.7: Preço Real dos combustíveis X referência internacional (R$/l)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do MME e EIA. Deflator: IPCA.